ISSN: 1984-8781 - Anais XVIII ENANPUR 2019. Código verificador: **IRCyKOpUMi5Z** verificar autenticidade em: http://anpur.org.br/xviiienanpur/anais

A CIDADE INTELIGENTE E SUA INFLUÊNCIA REGIONAL

Autores:
CLAUDIO MACHADO MAIA - Unochapeco - claudiomaia.dr@hotmail.com
MYRIAM ALDANA SANTIN - Unochapeco - aldana@unochapeco.edu.br

Resumo:

Este artigo analisa a cidade a partir de suas funções, tal como cidade inteligente em consideração ao seu meio inovador pressupondo-se o seu protagonismo de influência regional. No debate acerca da complexidade existente nas interações entre funções da cidade e participação social, objetiva-se refletir sugestivas características e categorias de análise, como uma fonte de consulta que evidencia a cidade inteligente. A metodologia parte da pesquisa exploratória, apresentando uma revisão bibliográfica do papel das cidades na nova economia, relativa especificamente a cidade de Chapecó, utilizando dados e informações bibliográficas, junto a materiais de pesquisa, apresentações e publicações do tema. A produção textual resulta num roteiro na forma de uma matriz de elementos, contextos e categorias de análise, permitindo a compreensão da importância de que cidades tal como regiões inteligentes, desempenham importante papel na configuração regional.

A CIDADE INTELIGENTE E SUA INFLUÊNCIA REGIONAL

Resumo

Este artigo analisa a cidade a partir de suas funções, tal como cidade inteligente em consideração ao seu meio inovador pressupondo-se o seu protagonismo de influência regional. No debate acerca da complexidade existente nas interações entre funções da cidade e participação social, objetiva-se refletir sugestivas características e categorias de análise, como uma fonte de consulta que evidencia a cidade inteligente. A metodologia parte da pesquisa exploratória, apresentando uma revisão bibliográfica do papel das cidades na nova economia, relativa especificamente a cidade de Chapecó, utilizando dados e informações bibliográficas, junto a materiais de pesquisa, apresentações e publicações do tema. A produção textual resulta num roteiro na forma de uma matriz de elementos, contextos e categorias de análise, permitindo a compreensão da importância de que cidades tal como regiões inteligentes, desempenham importante papel na configuração regional.

Palavras-chave:

Meio inovador. Cidade inteligente. Configuração regional.

INTRODUÇÃO

Nas últimas três décadas, a inovação, ultrapassando as clássicas facetas estritamente tecnológicas, passou a ser entendida num sentido mais amplo, incluindo vertentes do produto, do processo e organizativas, tanto ao nível das empresas como nas dimensões sociais institucionais, ao nível dos próprios setores industriais, das regiões e dos países, tornando-se um referencial quase que obrigatório na análise das dinâmicas territoriais de desenvolvimento. Conforme Santos (2009), antigamente, havia aquela conceitualização linearizada da inovação, referente a organização e produção industrial, essencialmente baseada no conhecimento codificado e gerado por atividades de Inovação e Desenvolvimento, nomeadamente das grandes empresas e sistemas nacionais de inovação. Entretanto, atualmente, reconhecidamente, os processos de inovação possuem forte matriz social e territorial, cuja atenção se volta a um conjunto de aspectos que se mostram relevantes na geração do conhecimento direcionado para dinâmicas de inovação, tais como contatos informais e redes de fluxos de contato tácito estabelecido entre os diferentes atores, o capital relacional, o respectivo capital social (PUTNAM, 1993), as regras e convenções vigentes.

Nota-se uma mudança no entendimento dos processos de inovação, atualmente vistos como mecanismos socialmente construídos, onde os processos locais de aprendizagem coletiva são fundamentais quando se pensa na noção de competitividade territorial.

Objetiva-se neste artigo, analisar as imbricações entre meio inovador e regiões inteligentes. Então Casells (2003), expõe uma tese geral de que

> "as cidades são chaves tanto como produtoras dos processos de geração de riqueza no novo tipo de economia, como produtoras da capacidade social de corrigir os efeitos desintegradores e destruidores de uma economia de redes sem nenhuma referência a valores sociais mais amplos, mais coletivos ou não mensuráveis pelo mercado, como, por exemplo, a preservação da natureza ou da identidade cultural" (CASTELLS, 2003, p.21)

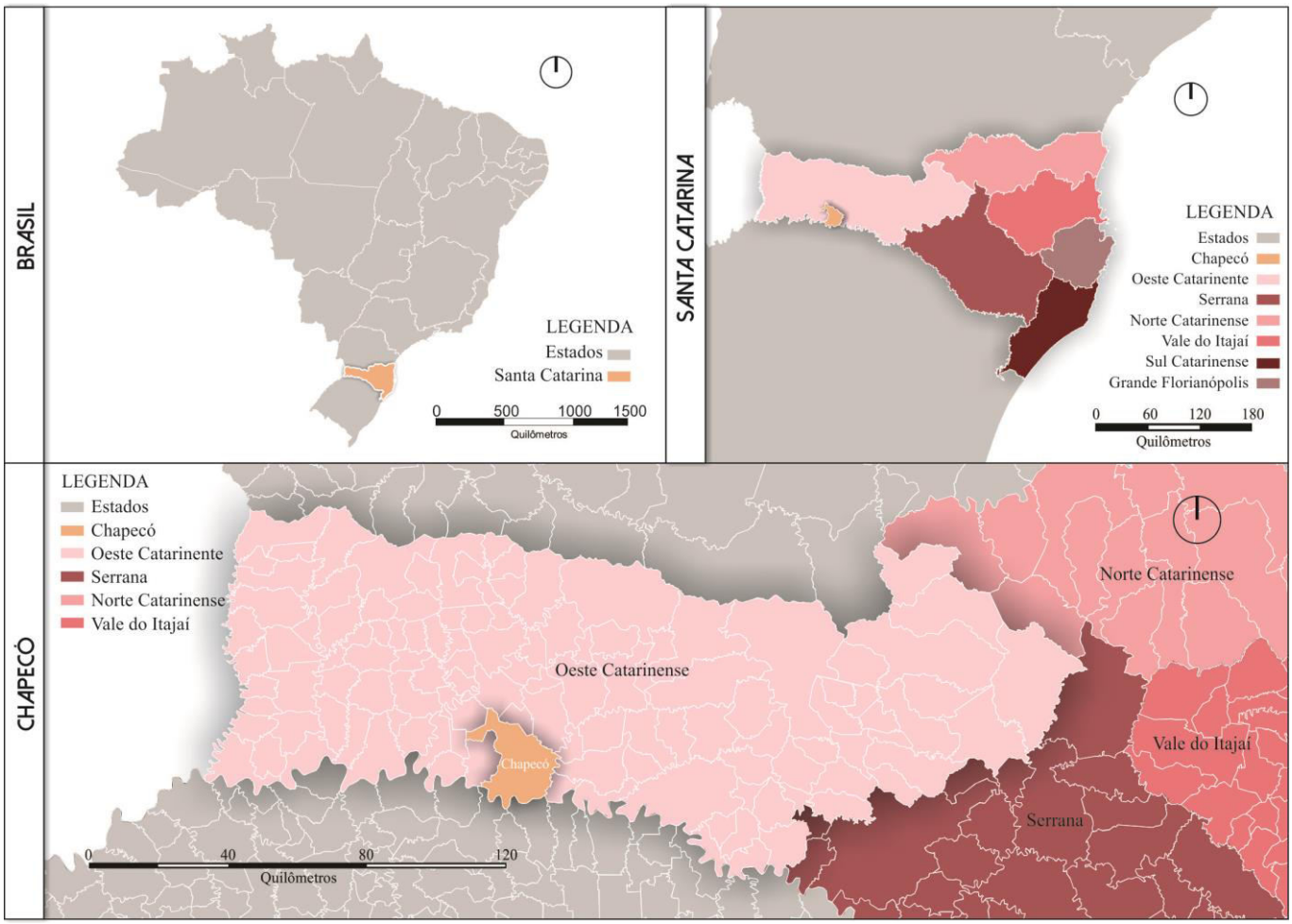
Querendo dizer concretamente que, empiricamente, cidades são meios de inovação tecnológica e empresarial importantes (CASTELLS, 2003), tais como áreas com características metropolitanas impulsionando seus arredores. Por isso que neste trabalho identificar-se-á a região inteligente da cidade de Chapecó, por esta constituir-se num polo regional de grande influência regional.

Cidade inteligente ou região inteligente se dá na medida em que há intensiva presença (utilização) de mecanismos de participação social, bem como movimentos sociais concretizadores de tecnologias sociais, apropriadas pela comunidade, em especial, sociedade civil organizada e seus diversos e respectivas representações via Conselhos e Associações, Empresas e Corporações que impactam na qualidade de vida e no desenvolvimento humano das pessoas.

Esta produção textual descreve uma perspectiva analítica alternativa de se refletir sobre inovação e algumas categorias de análise que auxiliam à caracterizar o que pode ser identificada como pressupostos à uma cidade inteligente, sobretudo, pelo dinamismo e protagonismo de um processo de planejamento urbano e regional cuja influência é regional. Neste artigo, para fins de operacionalização da noção de cidade inteligente, utiliza-se a região da cidade de Chapecó/SC entendida tal como uma região inteligente. Abordando categorias de análises tais como: governança, deslocamento pendular e cidade média. Levando-se em conta estas categorias de analise, pretende-se caracterizar o dinamismo econômico, social e regional inerentes a área de influência regional de Chapecó/SC.

Este estudo de caráter qualitativo utiliza-se de dados e informações bibliográficas, junto a materiais de pesquisa, apresentações e publicações do tema, que trazem a cidade de Chapecó como cidade media no contexto da migração pendular regional, apoiada no conceito de Redes Geográficas e as articulações territoriais. Este conjunto de informações que se apresentam aqui junto com categorias de analise, pretendem igualmente apresentar as dinâmicas e a área de influência no dinamismo regional da região inteligente de Chapecó. Na Figura 1 abaixo, se desta a ampla região do oeste de Santa Catarina.

Figura 1: Localização da cidade de Chapecó/SC



Fonte: IBGE. Adaptado por: Silva e Danieli (2017).

Identifica-se no mapa da Figura 1, a região do oeste de Santa Catarina, uma ampla região que recebe a influência dos meios inovadores a partir da cidade de Chapecó que nos desafia a fazer uma caracterização do que se pode chamar a região inteligente de Chapecó.

OS MEIOS INOVADORES: PARTICIPAÇÃO E GOVERNANÇA

Sob a perspectiva dos meios inovadores, eles trazem elementos característicos que impactam o desenvolvimento regional. Muitas pesquisas e estudos se debruçam sobre os impactos desses meios inovadores que articulam organizações territoriais. O *Groupe de Recherche sur les Milieux Innovateurs* (GREMI)[1], com base na hipótese de que os meios inovadores regionais geram inovações, de tal maneira que o sucesso das trajetórias de desenvolvimento de certas regiões será devido à suas capacidades intrínsecas de fabricar novos produtos, adotar novos processos produtivos, bem como configurações organizativas institucionais inovadoras. Uma outra característica que tem permitido o surgimento de territórios com intensa capacidade de interação territorial que ditam o seu dinamismo –

[1] Grupo Europeu de Investigação sobre Ambientes Inovadores (GREMI). Veja no site <<http://wwwa.unine.ch/irer/Gremi/accueil.htm>>.

clusters, meios inovadores, centros de treinamento e de aprendizagem, dentre outros exemplos de desenvolvimento local –, são decorrentes de ações e atividades como alternativa de autonomia no âmbito da globalização.

Um outro elemento a ser considerado quando se pensa nos meios inovadores, é o aspecto político, assim como o social, o cultural, o ecológico e o territorial, sendo concebido de forma coletiva, na qual os vários atores sociais interagem com certo nível de interesse comuns. No entanto, não se pode deixar de lado nestes processos as interações entre o Estado, o mercado e a sociedade civil. Igualmente as políticas de desenvolvimento regional baseadas na inovação devem aumentar a capacidade de "aumentar a capacidade de inovação e adaptação das regiões envolvidas" (BENKO, 1999, p. 137).

Para Maillat (2002, p. 14), "a inovação é considerada um processo de integração de elementos que determinam e favorecem a dinâmica e transformação do processo do sistema territorial de produção". Ou seja, a organização territorial onde nascem os processos de inovação como um conjunto territorial no qual as interações entre os agentes econômicos desenvolvem-se não só pela aprendizagem que fazem das transações multilaterais as geradoras de externalidades específicas à inovação, como também pela convergência das aprendizagens para formas cada vez mais aperfeiçoadas de gestão em comum dos recursos.

A CIDADE MÉDIA DE CHAPECÓ

A Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe)[2] aprofundam a discussão sobre as cidades médias no contexto latino-americano. Assim sendo, no contexto da urbanização brasileira observou-se nas últimas décadas um significativo crescimento das cidades "que estabelecem intermediação entre cidades maiores e menores no âmbito de diferentes redes urbanas e que, portanto, diferem das denominadas 'cidades de porte médio' cujo reconhecimento advém de seus tamanhos demográficos" (SPOSITO, 2007, p. 9). Para Corrêa (2007) a compreensão destes territórios perpassa pela combinação articulada entre tamanho demográfico, funções urbanas e a organização do espaço urbanizado.

Assim, o campo de reflexão deste trabalho ao pautar-se nos estudos das cidades médias realizados pela ReCiMe, indica dois elementos significativos para a compreensão dos impactos de uma cidade media, a saber: a nova economia e as articulações espaciais.

Com relação ao que se convenciona chamar a "nova economia", Castells (2003) situa o papel que estão assumindo as cidades em um processo de mudança histórico, que se caracteriza, de forma mais descritiva que analítica, sob o termo da "Era da Informação", referindo-se muito especificamente às condições em que se desenvolve a dita economia centrada a partir da transformação tecnológica e organizativa.

Conforme Castells (2003), faz-se uma caracterização dos fundamentos desta "nova economia":

[2] Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias. Para mais informações, acesse: www.recime.org

> "a nova economia é a nossa, é a que já estamos. Não é o futuro, não é Califórnia, não é a América. É a nova economia que se desenvolve de forma desigual e contraditória, mas que se desenvolve em todas as áreas do mundo. Ela se caracteriza fundamentalmente por três grandes características que estão inter-relacionadas, é uma economia que está centrada no conhecimento e na informação como base de produção, como base da produtividade e como base da competitividade, tanto para empresas como para regiões, cidades e países. Isto se diz com facilidade, mas é algo que tem grandes conseqüências, por que, ao tratar de como se gera produtividade – ou como geramos riqueza –, no fundo nos referimos à base material do que logo podemos fazer" (CASTELLS, p.15-16).

Ao enfatizar a base da produção, da produtividade e da competitividade Castells (2003) apresenta três elementos centrais a serem considerados para a geração da riqueza em todas as escalas.

A importância de compreender como nas cidades medias a conectividade não tem mais relação direta com a contigüidade física, permitindo assim a construção de novas articulações espaciais (ANDRADE; SERRA, 1998). Isto se explica quando se analisa o processo de industrialização e a revolução informacional de que maneira a influenciar no contexto metropolitano, bem como acarretaram novos arranjos de organização e dinâmica destes espaços. No caso das cidades médias, e das regiões de sua abrangência, seu papel até este momento estava mais definido pela situação geográfica, estruturada segundo as possibilidades dos sistemas de transportes ou mesmo pelos papeis político-administrativo que desempenhavam.

Portanto compreender as cidades médias requer ir além da realidade socioespacial; exigindo conhecimentos específicos acerca das dinâmicas territoriais, bem como dos processos e agentes que influenciam tais transformações (SPOSITO et al., 2007), pois as constantes mudanças proporcionam usos distintos do território, condicionando o espaço e a sociedade a se adequarem aos novos momentos.

Soma-se a esta analise a importância da observação dialógica que ocorre na articulação entre escalas no território, considerando o local e o regional, observando-os no contexto mundial, visto que muitos dos fenômenos que se manifestam localmente são fruto de uma realidade nacional e/ou mundial, resultantes de um processo de conexões estabelecidas entre os lugares centrais da sociedade contemporânea (BESSA, 2012).

Neste contexto e discussão é que se reflete sobre aproximações no que se entende por cidade média, identificamos a cidade de Chapecó como cidade média. Vejamos algumas das suas dinâmicas para compreender porque é considerada como cidade media.

A cidade de Chapecó/SC é discutida por Fujita; Matiello; Villela; Otsuschi; Alba (2016) por sua dinâmica do agronegócio: atividade agroindustrial voltada ao mercado internacional, mais especificamente na produção de alimentos provindos da suinocultura e da avicultura e, mais recentemente, da bovinocultura de leite. Bem como por se configurar como polo do

setor terciário na região, principalmente para atividades como ensino superior, saúde, comércio e serviços especializados; e industrial metal mecânico e moveleiro. O município apesar de ter somente 100 anos, se estrutura a partir de importantes rodovias estaduais e federais que promovem acesso à cidade e constituem um importante entroncamento de conexão com o Rio Grande do Sul (ao sul) e o Paraná (ao norte), bem como com o litoral catarinense (a leste) e Argentina (a oeste).

O processo de concentração e centralização de capital presente na região possibilitou já na década de 1950 a constituição de alguns grandes frigoríficos, que sem dúvida, marcaram a história de Chapecó/SC e região: Frigorífico Seara (origem em Seara/SC), Frigorífico Perdigão (Videira/SC), Frigorífico Sadia (Concórdia/SC), Frigorífico Chapecó e Frigorífico Aurora. Estes dois últimos com origem em Chapecó e uma filial da Sadia instalada em 1970. Além destes tinha-se também outras empresas que atuavam no setor de grãos como soja, milho, etc. A presença de grandes frigoríficos na cidade de Chapecó/SC é considerado o grande motivo que fez deste município o que mais cresceu economicamente, tornando-se um pólo regional (tal instalação destes grandes frigoríficos tem sido associada às ações da Sociedade Amigos de Chapecó (SAC)). Os anos de 1980 foram anos de intenso crescimento da população de Chapecó, sobretudo a urbana. Boa parte desta migração era constituída por pessoas da agricultura da região oeste Catarinense e também do Rio Grande do Sul, que buscavam trabalhar nestes frigoríficos (MAIA, ALBA, VILLELA E OSTROWSKI, 2017).

Ao mesmo tempo em que os frigoríficos cresciam, foram surgindo novos setores da economia ligados a esta atividade, como de metal mecânica (máquinas e equipamentos frigoríficos), transporte e embalagens e o próprio comércio também teve um crescimento significativo. Isso tudo foi tornando Chapecó/SC a cidade da região com maiores fatores de atração de novos migrantes (MAIA, ALBA, VILLELA E OSTROWSKI, 2017).

As últimas décadas caracterizam Chapecó/SC por uma dinâmica econômica que vai além do próprio agronegócio. Percebe-se que atividades ligadas, sobretudo a outros serviços como saúde, educação, comércio, sistema financeiro, estão imprimindo a Chapecó/SC o papel de uma cidade média[3] o que tem possibilitado a continuidade de seu crescimento. Assim se pode afirmar que as pessoas que hoje procuram Chapecó/SC para morar não são mais apenas operários para os frigoríficos, mas pessoas que buscam nestas outras atividades a possibilidade de atuação profissional (MAIA, ALBA, VILLELA E OSTROWSKI, 2017).

Análises realizadas em cidades médias como Chapecó/SC, Passo Fundo/RS, Mossoró/RN, Uberlândia/MG, Marília/SP, Campina Grande/PB e Londrina/PR as apontaram como espaços não metropolitanos que exercem significativa centralidade em sua rede urbana regional. Todas se encontram em importantes eixos rodoviários de conexão nacional e internacional, e talvez por isso a distância da capital do estado não tenha se mostrado elucidativa para compreender a complexidade destes municípios. Em termos de dinâmica econômica têm se caracterizado pela qualificação dos serviços, principalmente nos setores

[3] Refere-se a cidade média de acordo com os estudos que vêm sendo desenvolvidos pela Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe) e que Chapecó é uma das cidades pesquisada por esta rede.

educacionais, comerciais e de saúde e por uma ativa e importante matriz produtiva, seja esta industrial ou do agronegócio (MAIA, VILLELA, ALBA e DALPIAZ, 2016).

Descrever Chapecó como cidade media nos permite considerar que sua dinâmica apresenta elementos importantes que facilitam o desenvolvimento do meio inovador, e a partir de suas funções ter uma base material que caracteriza uma região inteligente, pela sua influência, pela sua articulação entre os espaços, por ser base de uma nova economia, possibilitando influência no desenvolvimento regional.

REDE URBANA E MIGRAÇÃO PENDULAR

Conforme Maia, Alba, Villela e Ostrowski (2017), a base de dados e estudos que envolvem os processos de pendularidade ainda são uma temática recente no Brasil. As regiões metropolitanas de nosso país são pioneiras neste estudo, pois são elas que na maioria das vezes demandam de maior oferta de mão de obra e buscam este suprimento em cidades vizinhas. Porém, com novos processos de urbanização ocorridos nas últimas décadas, estes deslocamentos são verificados em outras regiões que apresentam uma maior dinâmica econômica capaz de desencadear tais movimentos. Por outro lado, o levantamento de dados e contextualização desta temática ligada às regiões metropolitanas que recebem a população trabalhadora aprofunda questões de geração de renda, de integração e do uso de cidades vizinhas para relacionar seus raios de abrangência, influência também medida pela comercialização de matérias primas e suporte a populações que trabalham e demandam de equipamentos públicos na cidade receptora.

A partir da década de 1980 a dinâmica da mobilidade de ocupação espacial efetivada pela população passou a ter seus fluxos redirecionados. Em busca de ganhos econômicos superiores à cidade de origem, parte da população procura emprego em outras cidades. Este fenômeno, apesar de contar diferentes conceitos e prováveis causas pode ser entendido primariamente como resultado de diferença de desenvolvimento entre cidades vizinhas.

Para Singer (1980), os responsáveis pela migração seriam os ‘fatores de atração’ nas quais os locais de destino estariam mais bem equipados como demanda por força de trabalho. Neste sentido, há duas correntes de pensamento que enxergam a migração de formas distintas. Uma defende como resultado da economia industrial moderna, e a outra como fator resultante do processo de migração, na qual há uma penetração cada vez maior entre fronteiras. A estratégia de sobrevivência, no que se diz respeito ao morar e trabalhar em localidades diferentes, não está mais restrita aos grandes centros urbanos. A mobilidade da população brasileira apresenta mudanças significativas nas últimas décadas, sobretudo na década de 1980, quando as dinâmicas espaciais sofrem forte transformação no país.

Conforme Randolph, Junior e Ottoni (2015, p.302) citando Moura, Castello Branco e Firkowski (2005), “os dados sobre o movimento pendular são importante referencial para a análise dos processos de metropolização e expansão urbana”.

> "A própria pendularidade torna-se um conceito analítico chave não apenas para distinguir as áreas metropolitanas das peri-metropolitanas[4]; mas também, para investigar a força de atração dos municípios peri-metropolitanas de trabalhadores e estudantes da própria área. Sendo que desta forma pode-se obter primeiras indicações sobre a formação de pólos regionais" (RANDOLPH, JUNIOR E OTTONI, 2015, p.302).

Conforme Randolph, Junior e Ottoni (2015, p.302), na tradição da Geografia Urbana os movimentos pendulares fornecem o fundamento para a identificação de áreas de influência ou regiões funcionais. Essas áreas seriam de mercado de trabalho, econômicas e metropolitanas.

Nas regiões metropolitanas do país houve uma transferência das principais atividades econômicas para outros municípios, principalmente o que diz respeito às indústrias, como resultado, sobretudo, da especulação imobiliária. Essa mudança espacial da dinâmica econômica juntamente ao encarecimento do solo, resultaram na reconfiguração da ocupação do solo pela população, contribuindo com o movimento pendular (MAIA, ALBA, VILLELA E OSTROWSKI, 2017).

A migração pendular pode ser uma forma que as pessoas encontram para não encarecer os gastos com moradia, desta forma, decidem permanecer no local de moradia e fazer o deslocamento diário para trabalhar ou estudar. Num primeiro momento da urbanização brasileira esta ação era verificada, sobretudo nas áreas metropolitanas, mas atualmente este processo é bastante comum em várias cidades brasileiras, como é o caso de Chapecó (MAIA, ALBA, VILLELA E OSTROWSKI, 2017).

A análise sobre Chapecó no contexto da migração pendular regional está apoiada no conceito de Redes Geográficas e as articulações territoriais. Os fluxos migratórios pendulares na atualidade se ampliam e tornam-se transfronteiriços, rompendo limites nacionais e também regionais. No caso da migração pendular tendo Chapecó como ponto de destino observa-se uma significativa ampliação nas últimas décadas.

Dias (2005) reconhece a importância deste conceito teórico para a análise e interpretação em diversos campos disciplinares. A autora reconhece também a presença de

> "quatro grandes fluxos que atravessam o espaço geográfico: os movimentos de pessoas ou fluxos migratórios; os movimentos comerciais ou fluxos de mercadorias; os movimentos de informações ou fluxos informacionais; e os movimentos de capitais ou fluxos monetários ou financeiros" (DIAS, 2005, p.11).

[4] Considerando Chapecó uma cidade pólo localizada numa área considerada metropolitana, observa-se um aspecto inter-relacionado dos movimentos pendulares de pessoas entre metrópole e áreas mais distantes que moram num lugar e trabalham ou estudam em outro. Para Randolph, esses lugares "peri-metropolitanos" são as áreas mais distantes – referindo-se às pessoas – que moram num lugar e trabalham ou estudam em outro. Pode-se entender, então, que aquelas pessoas que moram num lugar e trabalham ou estudam em outro, moram em municípios ou lugares "peri-metropolitanos".

Nas ciências humanas o conceito de rede tem sido utilizado para analisar organizações, instituições e firmas; as articulações urbanas as transnacionais, econômicas, políticas e sociais, sobretudo as repercussões diante dos avanços técnicos como, por exemplo, as comunicações através do telefone e da internet.

> "Para além das redes técnicas, o potencial heurístico da noção tem sido explorado pela Geografia, quando concebe a rede como efetiva de organização espacial (MACHADO, 1995). Instável no tempo, móvel e inacabada como já apontou Raffestin (1980), a ideia de rede certamente ilumina um aspecto importante da realidade – chama a atenção para a complexidade das interações espaciais, resultantes do conjunto de ações desencadeadas em lugares mais ou menos longínquos. Assim, a rede representa um dos recortes espaciais possíveis para compreender a organização do espaço contemporâneo" (DIAS, 2005, p. 23).

Corrêa (2006, p. 15), ao utilizar o conceito de rede para compreender a rede urbana brasileira diz que "o estudo de redes urbanas é uma tradição no âmbito da Geografia". Através dela, a produção, circulação e consumo se realizam efetivamente e se acrescentado a rede de comunicação, as regiões podem se articular mundialmente.

Diferentemente das abordagens sobre hierarquia urbana, a abordagem de rede urbana considera as redes como um todo, sem analisar ou classificar cada uma das suas cidades. Neste caso, a rede urbana pode ser reflexo e condição para a Divisão Territorial do Trabalho (DTT). Reflexo, quando a função principal determina a Divisão Territorial do Trabalho. E, condição quando existem ações articuladas entre as cidades como produção, circulação e consumo, mas que geram um centro maior articulador e determinante da DTT criando e transformando constante e desigualmente as atividades das cidades de acordo com a lógica capitalista.

É com base nesta concepção de rede e, sobretudo a rede urbana, que faz-se o estudo dos deslocamentos populacionais diários para Chapecó por entender que existe uma articulação funcional de um conjunto de centros urbanos, como se refere Corrêa (2006), que envolvem Chapecó e região e que se transformam constantemente e desigualmente.

Ao concentrar a atividade agroindustrial através dos frigoríficos, Chapecó passa a desenvolver a atividade fundamental no âmbito desta rede urbana, definindo muitas outras ações, tanto no campo como nas cidades. E duas das funções das pequenas cidades na região de Chapecó são de fornecedores e de consumidores: fornecedores de matéria-prima e de mão de obra e consumo de bens e serviços oferecidos pela cidade de Chapecó, sobretudo. Esta dinâmica forma, portanto redes de lugares.

No caso de Chapecó e região verifica-se uma mudança significativa dos papeis das cidades locais, com o desenvolvimento das elites das agroindústrias impulsionou o crescimento destes conglomerados e também outras indústrias na área de metal mecânica, embalagens, equipamentos para aviários, pocilgas e transportes, e também uma série de serviços. Sem dúvida, Chapecó passa a assumir o comando deste processo de mudança e de

centralização de atividades econômicas, tornando-o o nó principal desta rede de cidades regionais. Mas, muitas destas atividades são encontradas em outros municípios da região, deixando claro certa refuncionalização e complexificação de ações de centros gerados no contexto da globalização, como se refere Corrêa (2006).

Conforme Maia, Alba, Villela e Ostrowski (2017), a própria migração pendular é fruto deste processo, a melhoria das formas de circulação através do transporte possibilita a população continuar morando em seus locais de origem, sem a necessidade da migração definitiva. É sem dúvida, uma nova função na divisão territorial do trabalho, sendo que estes migrantes passam a desenvolver outras tarefas em Chapecó e não mais nos seus municípios.

As redes geográficas, portanto se constituem de nós e fluxos. Os nós são os lugares de origem da população pendular e o destino é a cidade de Chapecó. Entende-se que Chapecó, juntamente com os atores representados pelas agroindústrias de carnes, passam a ser os articuladores desta rede migratória pendular e o nó principal desta rede, através do exercício de centralidade e comando.

A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO E DA GOVERNANÇA

A região de Chapecó é caracterizada por atores tradicionais e emergentes e seus papeis na governança e no desenvolvimento regional, assim como ação política dos modelos organizacionais mais frequentes, tais como: conselhos, fóruns, ONGS, movimentos sociais, cooperativas, fundações e grupos empresariais. Entre os atores tradicionais, pela sua importância e relevante contribuição para a pesquisa e o desenvolvimento regional, tem-se a presença da Fundação Universitária do Desenvolvimento do Oeste apoiadora de Instituição Universitária Comunitária. Comunitária por se tratar de Universidade profundamente identificada com o desenvolvimento regional e muito atenta às necessidades da população e das organizações situadas em sua região de abrangência. Por outro lado, no âmbito da comunidade local, tem-se alguns movimentos da sociedade civil organizada, tal como a Sociedade Amigos de Chapecó (SAC)[5], entidade mantenedora do Projeto Chapecó 2030, caracterizada como uma entidade civil, constituída sobre a forma de Organização Social da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP). O Projeto Chapecó 2030, surge da atuação de atores da sociedade civil do município de Chapecó e região do Oeste de Santa Catarina para discussão e concepção de propostas e estratégias econômicas, socioculturais e urbano-territoriais, com a finalidade de promover o desenvolvimento sustentável.

O referido Projeto, trata-se de

> "um processo de produção e integração de estratégias e propostas de ação do desenvolvimento econômico, sociocultural e urbano-territorial para a promoção do desenvolvimento sustentável de Chapecó e região para as próximas décadas" (PROJETO CHAPECÓ 2030, 2012, p. 3).

[5] Conforme o site da SAC, a Sociedade Amigos de Chapecó foi criada oficialmente em 13 de setembro de 1966, por um grupo de pessoas que se uniram para buscar o desenvolvimento de Chapecó e da região do oeste Catarinense. Disponível em <<http://projetochapeco2030.com.br/empresa>>. Acesso em: 08 jan.2018.

O documento reflete a vontade da sociedade civil organizada sobre o município, envolvendo um conjunto de diretrizes gerais orientadoras para o desenvolvimento econômico sustentável de Chapecó. E, tal como elemento importante deste Projeto é a importância da participação social no processo de decisão e construção regional (BANDEIRA, 1999; BECKER, 2002), assim como instância na qual os participantes se envolvessem nas propostas do município (bairros, vilas ou respectivas localidades de seu convívio), identificando potencialidades e limites do desenvolvimento nas múltiplas dimensões com sua participação social.

Neste sentido, há a participação social a partir dos diversos fóruns e debates caracterizando um processo de produção de estratégias e propostas de ação. Conforme Maia e Santin (2016),

> "implícito, nessa perspectiva, está a emergência da sociedade civil com o desenvolvimento como emergindo das localidades – ideia chave para um processo de desenvolvimento endógeno, onde os grupos locais tem alguma solução a partir de seus valores e capacidade de inovar – como base para se pensar a heterogeneidade" (MAIA E SANTIN, 2016, p.4).

Logo, foi importante considerar o local e a valorização das culturas regionais, no sentido de que desse histórico de valores culturais acumulados regionalmente, ou do capital social existente, que algumas regiões conseguem responder positiva e ativamente aos desafios regionais da globalização contemporânea construindo seus próprios modelos de desenvolvimento (BECKER, 2002, p.35). Conforme afirma este autor, em tese, significa que as diferentes dinâmicas de desenvolvimento regional dependem de uma crescente organização social das comunidades regionais. Por isso, a tese é de que uma sociedade mais organizada socialmente é uma sociedade mais participativa politicamente. E uma sociedade mais participativa politicamente é uma sociedade muito mais desenvolvida economicamente (BECKER, 2002, p.35-36).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A noção conceitual cidade inteligente, e seus impactos na configuração regional permite operacionalizar um entendimento da racionalidade do meio inovador, como foi observado no ambiente de Chapecó. Uma perspectiva de compreensão da noção conceitual de região inteligente remete às caracterizações ou entendimentos que são passados pela noção/conceito de meio inovador, a noção conceitual de cidade inteligente como uma derivação, um *upgrading* conceitual normativo da noção/conceito de meio inovador.

Estratégica e oportunamente, Chapecó apresenta algumas infraestruturas sociais que a destacam e que contribuem para sua influência regional, englobando atividades técnicas e econômicas. Infraestruturas coletivas compreendendo serviços públicos (energia, telecomunicações, coleta e tratamento de lixo, gás encanado), obras públicas (rodovia contorno viário, obras de represamento e canalização para irrigação ou drenagem) e outros setores de transporte (transporte urbano, via navegável e aeroporto). O fornecimento de

tais infraestruturas coletivas é implementado tanto pelo setor público como pelo setor privado, numa parceria entre ambos.

Como Dias (2005) indica que a importância do conceito de rede é identificada a partir da existência de quatro grandes fluxos que atravessam o espaço geográfico (os movimentos de pessoas ou fluxos migratórios; os movimentos comerciais ou fluxos de mercadorias; os movimentos de informações ou fluxos informacionais; e os movimentos de capitais ou fluxos monetários ou financeiros), as infraestruturas oferecidas pela cidade permitem a existência desses fluxos.

Em Chapecó, toda a estrutura oferecida pela cidade polo regional permite ambiente favorável a uma noção de rede que representa um dos recortes espaciais possíveis para compreender a organização do espaço contemporâneo onde a cidade passa a desenvolver atividade fundamental no âmbito desta rede urbana, definindo outras ações e exercendo sua influência, tanto no campo como nas cidades, portanto numa dinâmica de rede de lugares onde a própria migração pendular é fruto deste processo.

Ao analisar a migração pendular para Chapecó podem ser apontadas duas questões: primeiro a oferta de trabalho não especializado que os frigoríficos apresentam e que Chapecó não consegue atender; esta dinâmica mostra também as fragilidades das outras cidades de origem da população em termos de oferta de empregos nestes locais, obrigando a população ao deslocamento diário, muitas delas se submetendo a algumas horas de viagens diárias.

Logo, pode-se concluir que do ponto de vista de redes de cidades, Chapecó é um dos nós centrais que consegue articular as cidades próximas no oeste de Santa Catarina e também do Rio Grande do Sul e do Paraná. O conceito de rede permite delimitar o território em análise através da percepção das redes e seus fluxos desencadeados entre Chapecó – local de destino e os municípios – local da origem das migrações pendulares.

Quanto a dinâmica territorial nas teorias de inovação (os meios inovadores) e aos processos de governança a partir da construção social, num esforço para operacionalizar a racionalidade do meio inovador de Chapecó/SC, fundamentando-se em Santos (2009), pode-se dizer que: o surgimento do meio inovador é espontâneo/induzido; possui um clima de cultura empresarial; o sistema produtivo é industrial e terciário (diversificação produtiva numa ótica de divisão intra-setorial do trabalho); nas relações não mercantis entre as empresas há intensidade nas relações extra-produção e importância e diversidade das relações não mercantis formalizadas (redes de cooperação parcerias estratégicas, etc); há alta intensidade de contato nas relações institucionais das empresas; há forte abertura ao exterior nas relações com o exterior e inserção em circuitos internacionais de transferência de informação e conhecimento; existe uma lógica de parceria, criação de mecanismos coletivos de aprendizagem como motor de renovação competitiva da base produtiva, assim como fomento do potencial de inovação; assim como, as modalidades dominantes de aprendizagem são "*by doing*", "*by interactting*" e "by *networking*".

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Thompson Almeida; SERRA, Rodrigo Valente. *O recente desempenho das cidades médias no crescimento populacional urbano brasileiro*. Rio de Janeiro: IPEA, 1998.

BANDEIRA, Pedro Silveira. Participação, articulação de atores e desenvolvimento regional. *IPEA*. Textos para discussão, n.630, fev.1999.

BECKER, Dizimar F. A economia política do (des)envolvimento regional. *Redes*. v.7, n.3. p.35-59, set./dez.2002.

BENKO, Georges. *Economia, espaço e globalização na aurora do século XXI*. São Paulo: Hucitec, 1999.

BESSA, Kelly. Estudos sobre a rede urbana: os precursores da teoria das localidades centrais. *GeoTextos*, vol. 8, n.1, Jul. 2012. p. 147-165.

CASTELLS, Manuel. A cidade na nova economia. In: MACHADO, Jorge Alberto (Org). *Trabalho, Economia e Tecnologia: Novas Perspectivas para a Sociedade Global*. São Paulo: Tendenz; Bauru: Praxis, 2003.

CORRÊA, Roberto Lobato. Construindo o conceito de cidade média. In: SPÓSITO, Maria Encarnação B. *Cidades Médias: Espaços em transição*. Presidente Prudente: Expressão Popular, 2007. p.23-33.

CORRÊA, Roberto Lobato. *Estudos sobre a rede urbana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

DIAS, Leila Christina. O sentido da Rede: Notas para discussão. In: DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da. (Orgs). *Redes: Sociedades e territórios*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

FUJITA, Camila; MATIELLO, Alexandre Mauricio; VILLELA, Ana Laura Villela; OTSUSCHI, Cristina; ALBA, Rosa Salete. Relatório *Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional*. Chapecó: Unochapecó, 2016.

MAIA, Claudio Machado; ALBA, Rosa Salete; VILLELA, Ana Laura Vianna; OSTROWSKI, Simoni. O movimento pendular e deslocamentos populacionais diários para Chapecó/SC no contexto de novas formas de urbanização. *Anais*. VIII Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2017.

MAIA, Claudio Machado; VILLELA, Ana Laura Vianna; ALBA, Rosa Salete; DALPIAZ, Jessica Martinelli. Cidades médias: aproximações e reflexões. *Anais*. 3º Seminário de Desenvolvimento Regional, Estado e Sociedade (3º SEDRES). Blumenau: FURB, 2016.

MAIA, Claudio Machado. Elementos que conformam a evolução da agricultura na era da globalização: o posicionamento estratégico de atores locais no Sul do Brasil. *Tese*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

MAIA, Claudio Machado; SANTIN, Myriam Aldana. A participação social nos processos de decisão da construção regional: pressupostos para o desenvolvimento regional. Anais. 3º Seminário de Desenvolvimento Regional, Estado e Sociedade (3º SEDRES). Blumenau: FURB, 2016.

MAILLAT, Denis. Globalização, meio inovador e sistemas territoriais de produção. *Revista Internacional de Desenvolvimento Local*. v.3. n.4, 2002.

NORTH, Douglass C. Economic performance through time. *American Economic Review*, 1994. v.84, n.03. p.359-368.

NORTH, Douglass C. Institutions. *Journal of Economic Perspectives*, 1991. v.05, n.1, p. 97-112.

PROJETO CHAPECÓ 2030. Chapecó: SAC, 2012. Disponível em: http://projetochapeco2030.com.br/. Acesso em: 08 jan. 2018.

PUTNAM, Robert. The prosperous community. Social capital and public life. The American Prospect. 13. 1993. p.35-42.

RANDOLPH, Rainer; JUNIOR, Aramis Cortes de Araújo; OTTONI, Francisco Costa Benedicto. O movimento pendular entre a Metrópole do Rio de Janeiro e Municípios de sua Área Peri-Metopolitana. In: RANDOLPH, Rainer; SOUTHERN, Barbra Candice (Orgs). *Expansão Metropolitana e Transformações das Interfaces entre Cidade, Campo e Região na América Latina*. 2.ed. Rio de janeiro: Letra Capital, 2015.

SANTOS, Domingos. Teorias da inovação de base territorial. In: COSTA, José Silva; NIJKAMP, Peter. *Compêndio de economia regional*. Volume I: teoria, temáticas e políticas. Cascais (Portugal): Ed. Principia Lda., 2009.

SCHUMPETER, Joseph Alois. *Teoria do desenvolvimento econômico*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

SINGER, Paul. *Economia política da urbanização*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1980.

SPOSITO, Maria Encarnação B. *Cidades Médias: Espaços em transição*. Presidente Prudente: Expressão Popular, 2007.

SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão; ELIAS, Denise; SOARES, Beatriz Ribeiro; MAIA, Doralice Sátyro; GOMES, Edvânia Tôrres Aguiar. O estudo das cidades médias brasileiras: uma proposta metodológica. In: SPOSITO, Maria Encarnação B. *Cidades Médias: Espaços em transição*. Presidente Prudente: Expressão Popular, 2007. p. 35-68.